

06/02/2011 - 08h00

Direto do Cairo: Mamede Mustafa Jarouche

DO CAIRO

De passagem pelo Cairo, onde participaria do salão egípcio do livro, o tradutor brasileiro Mamede Mustafa Jarouche, 47, foi surpreendido pela eclosão da revolta popular contra o ditador Hosni Mubarak, no poder desde 1981.

No depoimento publicado pela **Ilustrissima** desta semana, o professor de língua e literatura árabe na USP narra o clima na cidade e comenta aspectos culturais do levante. Assinantes da **Folha** e do Uol têm acesso à íntegra do texto.

Jarouche traduziu, entre outras obras, o "Livro das Mil e Uma Noites" (Globo). Leia [aqui](#) um trecho da tradução, cedido pela editora.

MAMEDE MUSTAFA JAROUCHE

CHEGUEI AO CAIRO num dia e no outro começaram as manifestações que culminaram no 25 de janeiro. Mudei-me para o meu prédio num dia e no outro o elevador quebrou. Um livro que organizei para a Editorial Al-Jamal, de Beirute e Bagdá, ia ser lançado na Feira do Livro do Cairo, realizada anualmente entre a segunda quinzena de janeiro e a segunda de fevereiro, e que acabou sendo cancelada até segunda ordem.

"Vou-me embora, estou dando azar ou vivendo alguma espécie de inferno zodiacal", digo a um amigo, o jornalista jordaniano Riyad Abou-Awwad, da France Presse, que responde: "Se quiser viver um momento histórico de verdade, fundamental para a história do mundo árabe e da região, fique e registre em português. Caso contrário, fuja feito um covarde, pois ainda é tempo".

"Ok, mas tenho medo de morrer", protesto.

"E o que significa a porcaria da tua vida comparada a uma revolução?", completa ele. O argumento me convence e fico, quase não sentindo que a "porcaria da minha vida" estivesse em risco.

Pelo menos até ontem, quando fui interpelado, pouco depois do toque de recolher, por membros do comitê popular de defesa de bairros. A condição de brasileiro e o nome árabe me salvaram de uma paulada. Como me disse ao telefone o historiador Joaci Furtado, "é um privilégio ver a história em movimento". Desde, claro, que ninguém tente matá-lo.

PARANOIA Existe uma paranoia no ar, teorias conspiratórias sobem e descem as avenidas da cidade. Os americanos, os israelenses, os sauditas --para cada teoria existe uma explicação, muitas vezes engenhosa. Na quinta, ouvi a mais divertida: "Acabaram de prender quatro libaneses com documentos egípcios falsos e panfletos

incitando a juventude contra o governo", me diz o dono de uma LAN house, sabedor de minha condição de descendente de libaneses.

"Onde?", pergunto.

"Logo ali, perto do tanque do exército."

Vou até lá, circulo por todo o local, pergunto aos passantes, a pessoas nos grupos concentrados pela região que discutem com vigor. Ninguém sabe nada a respeito dos tais libaneses presos "logo ali".

Enquanto volto à LAN house, pergunto sobre os quatro misteriosos libaneses a um careca que caminha perto de mim. Agora fiquei obcecado. Ele diz que não sabe de nada, mas que é bem possível, pois "esse pessoal do Hizbollah, junto com os iranianos, é capaz de tudo. Deus nos livre". Só então compreendo: trata-se de uma conspiração não exatamente de libaneses, mas de xiitas. Já na LAN house, para que não reste a menor dúvida, ponho-me a elogiar o sunismo, Deus me livre de suspeitas.

HUMOR A crise não elimina o bom humor das pessoas. Ligo para um amigo palestino, jornalista da rádio Montecarlo: "Nabil, sabe aquele restaurante que eu gostava? Virou um lixão". "Parabéns, meu amigo, pois aquilo sempre foi um lixão. O seu gosto é que está se sofisticando."

Conto ao poeta e editor iraquiano Kháled Al-Maaly que, após uma procura inútil, ganhei um pão de um popular na rua. Ele não hesita em responder: "Ele só está te cevando. Quando faltar comida, nós, estrangeiros, é que vamos virar refeição".

Um slogan dos manifestantes, caprichosamente rimado: "Ben Ali está te chamando, o hotel de Jedda está te esperando". [Jedda é o hotel onde o ditador tunisiano Ben Ali se refugiou, na Arábia Saudita.] "Tudo o que esperávamos ouvir de Mubarak era que entendeu o nosso recado", diz com sorriso maroto a militante on-line Isrá Abdulfattah.

"Entendi o seu recado" foram as últimas palavras de Ben Ali a seu povo antes de ser derrubado. Involuntariamente, essa fala repetiu a de De Gaulle aos argelinos durante a revolução, em 1958.

Abdurrahman El Sharqawi, colega da Universidade do Cairo, aponta a placa no prédio do Partido do Amanhã: "Sede temporária". Parece a piada pronta do José Simão. Em tempo: o Partido do Amanhã não tomou posição.

PAI Na TV do governo, com o esgotamento dos argumentos em favor do ditador, o locutor lasca: "Ele é como se fosse nosso pai. Expulsá-lo agora seria como jogar o nosso pai na rua porque está velho".

O famoso ator Ádil Imam, acusado à boca pequena de ser contra os protestos por receber dinheiro e benefícios do governo, resolve declarar em todos os canais internacionais o seu apoio à causa dos "nossos jovens".

Comentário do analista político Azmi Bichara: "É um excelente sinal para a revolução que os ratos fujam do navio". O presidente do Iêmen, Ali Abdullah Saleh, numa oferta preventiva: "Não só não me recandidatarei como não pretendo eleger meu filho no meu lugar".

No mesmo dia 1º/2, na sede do Partido Tajammu', socialista, montaram uma pequena clínica com remédios e médicos se revezando no plantão para atender pessoas agredidas etc. Entra um sujeito ofegante, com algum problema debaixo do olho.

Chego perto dele: "Te acertaram no olho?".

"Não", é a resposta irritada. "Essa marca é de nascença. Só estou cansado."

GERAÇÕES A diferença nas culturas está no modo como veem e lidam com os mesmos fatos. O dono do apartamento que aluguei me diz: "Um homem tem algo mais caro que o seu filho? Não! É por isso que Mubarak quer eleger o filho em seu lugar, e vai lutar até o último minuto".

Parece uma explicação razoável, mas Lula, FHC e tantos outros certamente amavam os seus filhos, sem que isso os fizesse planejar colocá-los em seu lugar. O uso desses argumentos, contudo, demonstra a sua força --para as gerações mais velhas.

Não à toa, se trata de uma revolução de jovens, que já não acreditam mais nessa conversa. Como observou com lucidez o velho jornalista Muhamad Hassaneyn Heykal, "o alvorecer, o amanhecer e o entardecer têm seus donos, e já não é a nossa geração". É o que senti no meio dos manifestantes jovens: uma grande sensação de deslocamento, não por minha condição de estrangeiro, mas por meu tempo, e foi o que vi entre os mais velhos que os apoiam.

Embora se saiba que é impossível acompanhar revoluções com neutralidade, tampouco a identificação absoluta é possível quando a pertinência ao lugar está prejudicada.

Exigir democracia, eleições livres, dignidade, um parlamento eleito com liberdade, parece-me apenas a superfície de algo que se move nas profundezas desses meninos, é o desejo de sacudir todo o atraso, toda a miséria que infelicitava os árabes, o coração de todos os árabes, com as limitações e "repúblicas hereditárias" que os reduzem à condição de "fábula do lar, riso da praça", como diria Gregório de Mattos.

Talvez alguns se lembrem da releitura que o escritor Raduan Nassar, no romance "Lavoura Arcaica" (1976), faz de uma fábula árabe a respeito da paciência. Nessa antiga fábula, incluída no "Livro das Mil e Uma Noites", um velho faz para um

jovem um discurso didático sobre as virtudes da paciência e da moderação, e este se convence e o acata.

Na releitura de Raduan, o rapaz, após ouvir a fala do velho, espanca-o até a morte. Os manifestantes revolucionários egípcios são esse jovem, e Mubarak e seus asseclas, voluntários e involuntários, são o velho.

"O povo quer derrubar o regime", começaram dizendo, e Mubarak dissolveu o ministério e nomeou outro. "O povo quer derrubar o presidente", corrigiram eles, e Mubarak anunciou que em setembro deixaria de "servir ao povo egípcio". "Ele que se vá, porque nós não iremos", emendaram.

RADICALISMO Não se trata apenas do desejo de expulsar um ditador, mas a face por assim dizer palatável e genérica, para setores da classe média ocidental, de um radicalismo saudável e furiosamente belo em sua pureza e quase espontaneidade: com o ditador, queremos expulsar um tempo e um modo de pensar. É a sua mensagem. Eles já não têm moderação e muito menos paciência.

Nesse jogo de alegorias, Mubarak é o pretexto, uma das manifestações da infinita tristeza deste tempo árabe, e botar abaixo a sua miséria é a missão a que se propuseram. É a expectativa dessas conquistas que ganhou boa parte da população.

Quanto a nós, absolutamente outros, o melhor, com todo o respeito ao poeta, é que voltemos todos para casa, as mãos pensas, avaliando em silêncio o que perdemos.

20/02/2011 - 08h00

Mamede Jarouche: Egito – Primavera em pleno inverno – Depois da queda

DE SÃO PAULO

A ONDA DE REVOLUÇÕES no mundo árabe parece, por assim dizer, obedecer a uma espécie de roteiro prévio, obscuramente redigido por um autor tão convencido de sua obviedade que sequer se dignou assiná-lo. O Egito repetiu a Tunísia, logo o Iêmen ou a Argélia ou o Bahrein repetirão o Egito, e assim por diante, ao mesmo tempo em que os governantes negam. Mas a queda desses governos, o contágio pelo "vírus revolucionário", é uma certeza compartilhada no "axxari' al'arabi", a rua árabe, como se diz por aqui para falar sobre o povo.

No Egito, a radicalização do processo revolucionário fez quase tudo parar de funcionar, especialmente no centro da capital. Inclusive os cinemas, claro. Num deles, próximo à praça Tahrir, o título do filme cuja exibição se interrompeu parecia uma premonição: "Um Intervalo e Voltamos". Pura coincidência, mas inspirador, sem dúvida.

A festa nas ruas do Cairo decerto já foi vista à exaustão por mais de um canal de TV e descrita à mancha por todos os jornais e agências noticiosas. Mas, falando diretamente da praça, talvez não seja inútil dizer que nunca, em toda a minha vida, fui tão abraçado e beijado por pessoas que jamais vi, e que dificilmente tornarei a ver.

A queda de Mubarak passou a impressão de ser a partida de uma presença odiosa atrapalhava o início de uma festa desde há muito programada. A defasagem temporal ficava evidente no olhar esperançoso, mas cheio de melancolia, das pessoas mais velhas.

Uma idosa se aproxima de uma criança no colo do pai e lhe diz: "A vida de vocês será melhor que a minha". A cena lembra outra, martelada pela TV Al Jazeera, de um velho tunisiano dizendo aos prantos a propósito da "sua" revolução: "Somente os jovens é que poderiam ter feito isso, porque nós envelhecemos, envelhecemos esperando este dia", enquanto passa a mão nos cabelos grisalhos.

CAMELOS Para a deflagração desse processo ainda não se aquilatou a real importância dos meios de comunicação. Eles contribuíram para mexer com o imaginário ocidental: foi exatamente após o uso dos camelos em um ato de repressão que o apoio recrudescer no Ocidente, o que talvez se explique pelo choque causado entre a --ilusória, note-se-- imagem simpática desse animal, sempre associado às culturas árabe e islâmica, e o seu uso para aqueles fins. Foi como que um sinal de que havia algo de errado na história. "Quem mandou os camelos atacarem os manifestantes era algum inimigo do regime, não é possível tanta burrice", muitos comentaram.

Em âmbito local, os dirigentes egípcios, e antes deles os tunisianos, queixaram-se do "sensacionalismo" das redes de TV estrangeiras. Deixando de lado a sua conhecida repulsa à imprensa livre, o Estado policial egípcio deve ter considerado sensacionalista a estetização das manifestações promovida por essas emissoras, que criaram slogans e vinhetas tocantes.

Explorou-se com intensidade o já conhecido bom humor egípcio. "Mubarak renunciou, disse que iria se candidatar à presidência da Tunísia e os tunisianos voltaram às ruas exigindo a volta de Ben Ali." "Depois do sucesso da 'Sexta-Feira da Vitória' na Tunísia e da 'Sexta-Feira da Partida' no Egito, Gaddafi resolveu extinguir a sexta-feira por decreto." "O único cidadão egípcio que respeitou o toque de recolher foi Hosni Mubarak." "Gaddafi em entrevista à televisão: 'A mulher deve receber os seus direitos, seja macho, seja fêmea'."

Muitos revolucionários carregam as marcas da violência, não necessariamente as exibindo, pois sabem que serão vistas, de um modo ou outro. Na livraria fico olhando para um garoto com um corte na testa. Ele chega perto de mim: "Eu até podia mentir, mas esse machucado foi um acidente em casa".

No café, passa uma moça com sua filhinha e diz, dirigindo-se a mim, não sei exatamente por quê, brandindo a mão enfaixada: "E depois dizem que ganhamos dinheiro!!! Nem um tostão", ao que a filhinha bebe a minha água sem a menor

cerimônia e se vai com sua mãe revolucionária. Terá histórias para contar, sem dúvida.

BOM HUMOR "O povo quer mudar o regime", palavra de ordem anterior à queda de Mubarak, logo virou um triunfante "O povo já mudou o regime", com alguns indo mais longe: "Qualquer povo que estiver zangado com o seu presidente é só avisar que a gente derruba". De um franco reacionário sobre um carro mal estacionado: "Afinal, foi para isso que fizeram a revolução?"

As notícias sobre Mubarak e sua família causam, como é natural, muita curiosidade. A imprensa varia o modo de citá-lo: a Al Jazeera usa sem complacência "deposto". O jornal Al-Hayat fala "ex-presidente".

E a Alarabiya diz "renunciado". As especulações sobre ele são muitas: está morrendo, parou de comer, beber e tomar o remédio, continua sendo tratado com honras de presidente em Sharm-El-Sheikh, resolveu escrever suas memórias, está mesmo disposto a morrer no Egito, considera-se traído, só não renunciou antes porque os seus ajudantes o enganaram, tem 7 bilhões, tem 40 bilhões, tem 70 bilhões. Já seus filhos teriam trocado sapatos na noite do último discurso, porque Jamál, herdeiro, queria que ele resistisse, ao passo que Alá queria que partisse.

Mubarak se foi recusando-se a ler o discurso de renúncia, passado ao vice, Omar Suleiman. A cena dessa leitura virou um sucesso nacional, não exatamente pela performance pífia do vice, mas sim porque atrás dele se entrevia um tipo meio gordinho que caiu no gosto do povo: "Quem é o sujeito que está atrás de Omar Suleiman?" virou hit musical de sucesso, caricatura, adaptação; fizeram montagens com ele atrás, discreto, em fotos de vários eventos históricos, desde a Segunda Guerra Mundial.

Até que, finalmente, irritado, o sujeito veio a público dizer que se chama Hussein Sharif, é comandante do grupo de combate 64 das Forças Especiais e pede que, por favor, esqueçam-no. Já há quem lhe esteja oferecendo uma operação plástica no "hospital dos contrarrevolucionários".

REACIONÁRIOS Aliás, os reacionários andam espumando por estes dias, como seria de esperar. O Cairo é há muito tempo uma cidade caótica, com um trânsito de assustar o mais recalcitrante dos infratores, além da sujeira crônica da cidade e do mau estado de conservação de prédios e vias públicas. Mas é claro que os mubarakistas ressentidos já começaram a atribuir todos os problemas, mesmo os que vêm dos tempos das pirâmides, à revolução. A cada dez metros de caminhada uma imprecação contra os "moleques que nem sabem o que querem".

"E por que deveriam?", pode-se legitimamente perguntar. Esses jovens cresceram num ambiente que em tudo os desencorajava de qualquer participação. Natural que apresentem algumas propostas confusas, como a de que os membros do governo de transição sejam, literalmente, "tecnocratas". Ou que, desconfiados de fato das velhas lideranças políticas de plantão, agora tenham criado uma espécie de "Conselho dos Fiéis Guardiões da Revolução", o que cheira um pouco a velharia, mas que nada mais é que resultado da falta de experiência dos revolucionários.

Um amigo, muito tocado com a experiência, mas reticente em ter qualquer tipo de esperança no que quer que seja, me disse que, para ele, a revolução, toda revolução, começa a envelhecer no momento mesmo de sua irrupção e que seu esplendor, como o das estrelas, se resume a isso, "pois o antes e o depois não contêm nenhuma beleza".

JUVENTUDE É difícil concordar: uma onda de inteligência e vivacidade sem igual corta o país de uma extremidade a outra. Até crianças falam de política. E continuo com a impressão, muito pessoal, de que, não fossem os jovens, nada teria acontecido; logo, a revolução se deve a eles e somente a eles.

Todas as pessoas da minha geração com as quais conversei, fossem de esquerda, conservadoras, arrivistas ou opositoristas sinceras, demonstraram no início do processo uma hesitação, uma incredulidade, um pessimismo, uma falta de esperança que fatalmente teriam resultado na vitória de Mubarak.

Lembro bem o que disse um editor amigo meu, logo depois do primeiro discurso do ex-presidente, no qual ele se fez de "papai-vítima": "Acabou, acabou. Enrolou todo mundo. Agora as pessoas voltam para casa e daqui a dois meses ele começa a liquidar as lideranças".

Mas nenhum jovem engoliu a história. Foi o ardor juvenil, cheio de bom humor e alegria, que o depôs de verdade. Mesmo aos arroubos patrióticos que têm acometido a todos por estes dias --"o Egito em primeiro"-- eles imprimem uma jovialidade divertida. "Acabamos" --diz sorrindo um escritor amigo-- "e só nós resta voltar para casa e deixá-los resolver tudo". Não é pouco numa sociedade ciosa com a prevalência dos mais velhos. Uma hora isso se esgota, se é que já não está se esgotando. Mas foi bom, deste outono pessoal, contemplar a primavera neste inverno claudicante.